

Segundo turno: adversário de ontem pode ser o melhor aliado

CIDA FONTES
e CRISTIANA MENDES LÔBO

BRASÍLIA — Com a abertura das urnas na noite de 15 de novembro as acusações entre os candidatos durante a campanha eleitoral terão de ser esquecidas. Já de madrugada começam as conversas e as alianças para o segundo turno. Dois fatores determinarão o sucesso das composições: a sobrevivência política nos Estados e a afinidade ideológica.

Desde a primeira hora, os comandos dos principais partidos vão tentar conduzir as negociações e levar em bloco sua força a um dos dois candidatos. Desde já, porém, sabe-se da dificuldade de conciliar interesse regional com ideologia. Isso ficou comprovado no primeiro turno, quando as cúpulas partidárias perderam o controle de suas bases — e deve se repetir na escolha do sucessor do Presidente Sarney entre os dois mais votados.

Certa vez, o Deputado Ulysses Guimarães comentou com assessores: "Um político não deve ser tão amigo de outro que um dia dele não possa ser inimigo; e nem tão inimigo que um dia não possa ser um aliado". Isso traduz a permanente disposição dos políticos para o entendimento,

agora reforçada na disputa do segundo turno. Nesse jogo, tanto os vencedores quanto os derrotados têm interesse nas alianças. Nenhum dos candidatos que passar pelo crivo de 15 de novembro conseguirá receber a faixa presidencial de Sarney sem antes obter novos aliados. Além disso, do Palácio do Planalto, o sucessor de Sarney terá de conquistar apoios no Congresso para cumprir suas promessas de campanha.

Com os olhos voltados para as eleições do ano que vem para os Governos estaduais e o Congresso, os políticos vão decidir o rumo a tomar. De um lado, estarão preocupados em preservar espaços em seus Estados — vigiando também a posição do adversário na disputa local — e, de outro, atentos para não espantar o eleitor com alianças ideologicamente inesperadas.

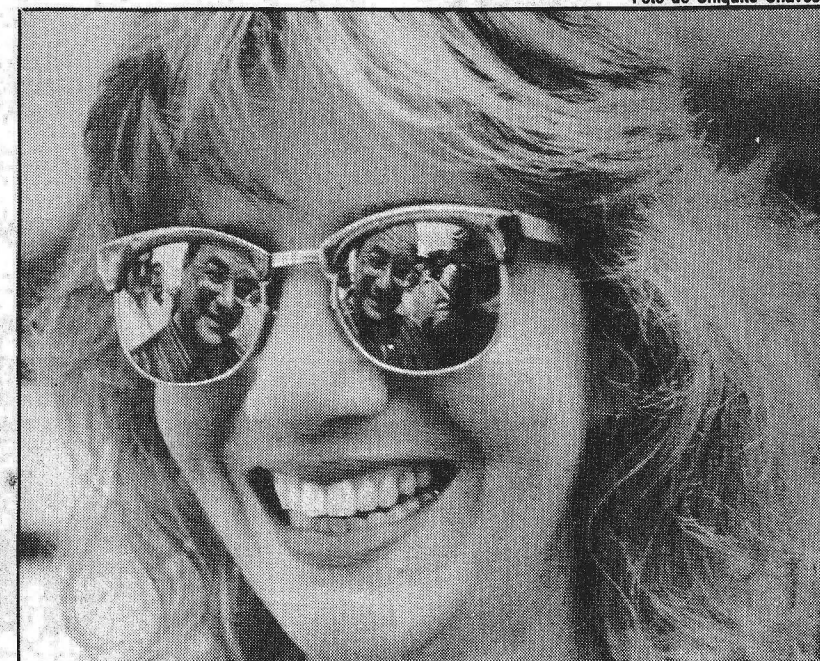
A expectativa é a de que os arranjos políticos regionais prevaleçam sobre as afinidades ideológicas. Tudo vai depender, entretanto, das conveniências locais. Para superar as diferenças ideológicas, a esquerda vai tentar amarrar seu apoio em torno de um programa de governo — assim busca evitar o que caracterizou a Aliança Democrática, o leilão de cargos e, ainda, passar por cima das divergências regionais que floresceram no Governo Sarney.



Covas sob risco de empreender voo solo para o ninho pedetista, se der Collor e Brizola no segundo turno. Os "tucanos" não devem acompanhá-lo



Autor de ataques a eventuais aliados, Brizola pode dar as mãos a Quêrcia



Para derrotar Lula, eleitores de Maluf veriam Brizola com outras lentes

981

922

923

924